



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DEFIL

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO / PGFILE

PEDRO FEITOZA DA SILVA

**A CRÍTICA NIETZSCHIANA SOBRE A “BABÁRIE CULTIVADA” NA
FORMAÇÃO HUMANA**

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO DE 2019.

PEDRO FEITOZA DA SILVA

**A CRÍTICA NIETZSCHIANA SOBRE A “BABÁRIE CULTIVADA” NA
FORMAÇÃO HUMANA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da educação/PGFILE da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO DE 2019.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Pedro Feitoza da.
A crítica nietzschiana sobre a "barbárie cultivada" na formação humana [manuscrito] / Pedro Feitoza da Silva. - 2019.
35 p.
Digitado.
Monografia (Especialização em Filosofia da Educação) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, 2019.
"Orientação : Prof. Dr. Julio Cesar Kesterling, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC."
1. Nietzsche. 2. Educação. 3. Cultura. I. Título
21. ed. CDD 320

PEDRO FEITOZA DA SILVA

**A CRÍTICA NIETZSCHIANA SOBRE A “BABÁRIE CULTIVADA” NA
FORMAÇÃO HUMANA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da educação/PGFILE da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Julio Cesar Kesting

Aprovado em: 27/11/2019

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Julio Cesar Kesting UEPB/CEDUC/DF

Orientador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda UEPB/CEDUC/DF

Examinador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho UEPB/CEDUC/DF

Examinador

CAMPINA GRANDE – PB

DEZEMBRO DE 2019.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma investigação acerca da crítica do jovem Nietzsche à educação de seu tempo, que longe de promover a libertação e o despertar das potencialidades do indivíduo, visava a uma formação utilitária para atender tão somente as demandas do emergente Estado alemão. A cultura, nos meios educacionais, na visão de Nietzsche, havia sido transfigurada em uma tendência utilitária, de modo que tudo aquilo que era disseminado nos estabelecimentos de ensino não passava de uma “barbárie cultivada”, tendo em vista o caráter jornalístico introduzido na literatura pedagógica da época. Neste caso, a formação do jovem alemão, bem como de seus educadores, não teria como base o primado da cultura, mas tão somente uma célere especialização técnica erudita, para responder ao déficit de funcionários qualificados para ocupar os cargos nos quadros do Estado alemão recém-industrializado.

Palavras-chave: Nietzsche. Educação. Cultura.

ABSTRACT

The present work aims to conduct an investigation about the criticism of young Nietzsche to the education of his time, which far from promoting liberation and the awakening of the potentialities of the individual, aimed at a utilitarian formation to meet only the demands of the emerging German State. The culture in educational circles, in Nietzsche's view, had been transfigured into a utilitarian tendency, so that all that was widespread in educational establishments was merely 'cultivated barbarism' in view of the journalistic character introduced in pedagogical literature of the age. In this case, the formation of the young German, as well as of his educators, would not be based on the primacy of culture, but only on a swift erudite technical specialization, in order to respond to the shortage of qualified officials to fill the positions of the newly established German State industrialized.

Keywords: Nietzsche. Education. Culture.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	08
2.1 O professor Nietzsche e as conferências.....	08
2.2 O projeto de unificação do Estado alemão.....	09
3. A CULTURA A SERVIÇO DO ESTADO.....	12
4. O SISTEMA DE ENSINO ALEMÃO SOB O JUGO ESTATAL.....	18
5. EDUCAÇÃO PARA A VERDADEIRA CULTURA.....	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	35

1. INTRODUÇÃO

Quando estudamos ou ouvimos falar sobre a filosofia de Friedrich Nietzsche (1844-1900), a educação talvez seja uma das temáticas que a maioria de seus estudiosos menos demonstra interesse, se compararmos a outros conceitos presentes em seu pensamento. No entanto, mesmo não sendo muito reconhecido como um filósofo da educação, em toda a sua produção filosófica podemos perceber, ora direta, ora indiretamente, seu grande interesse na formação humana. Seus poucos escritos dedicados à educação, embora remetam a críticas direcionadas ao sistema educacional de seu tempo, constituem uma fonte riquíssima e atemporal para pensarmos a educação, pois não apenas os problemas apontados em suas críticas, mas, sobretudo, as consequências do tratamento dado à formação do homem alemão, ainda hoje ecoam de modo cada vez mais vívido na contemporaneidade.

Assim, abordando o problema da educação sob a óptica da cultura, Nietzsche realiza um diagnóstico acerca do projeto pedagógico do Estado moderno alemão para a formação dos indivíduos, cujo propósito estaria longe de promover o desenvolvimento de uma cultura autêntica e, por conseguinte, a elevação do espírito humano. Assim afirma Nietzsche (2011, p. 106): “Sabemos o que eles visam, estes que fingem satisfazer uma forte necessidade da cultura, através do crescimento extraordinário do número de estabelecimentos de ensino [...] destroem as raízes destas forças culturais mais elevadas [...]”. O crescente aumento das instituições de ensino desemboca nas teses da ampliação e enfraquecimento da cultura, de modo que se pudesse produzir em larga escala uma inteligência comum direcionada aos interesses do estado.

Nesse horizonte, nosso trabalho propõe uma abordagem acerca da reflexão nietzschiana sobre a educação moderna alemã, trazendo à luz os pressupostos fundamentais para uma crítica direcionada ao projeto pedagógico das instituições, cujo objetivo principal era a formação de indivíduos sob os preceitos de uma cultura utilitária para servir aos interesses do Estado. Buscar-se-á desenvolver a temática tendo como principal fonte os escritos do jovem Nietzsche, a saber: *Schopenhauer como educador* (1874) e *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* (1872), como também algumas obras de sua maturidade, cujas ideias contribuem para uma crítica acerca da “barbárie cultivada” nos meios educacionais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

2.1 O professor Nietzsche e as conferências

Durante o período em que atuou como professor na Universidade da Basileia, o jovem Nietzsche demonstrava certa inquietação em relação ao empobrecimento filosófico de sua época, promovido, sobretudo pelo tipo de cultura transmitida nos estabelecimentos de ensino alemães. Ao fazer suas considerações sobre o sistema educacional, ele buscou abordar, de um modo geral, o problema da cultura e da educação. Deve-se ressaltar que em toda a sua vida intelectual, Nietzsche jamais abandonou sua inclinação pedagógica, uma vez que sempre escreveu para ser lido e compreendido, tal como um mestre o faz. Ou seja, fosse como professor de filologia clássica ou, posteriormente, como “filósofo das sete solidões”¹, podemos perceber de forma nítida o caráter pedagógico presente nas obras de Nietzsche, bem como a sua profunda preocupação com o desenvolvimento humano.

Aos 24 anos, por recomendação de Ritschl, Nietzsche, é convidado para ser professor de filologia clássica na Universidade e no Padagogium da Basileia, na Suíça. Faltava-lhe, para obter o diploma de fim de curso, a tese de doutorado, mas os professores de Leipzig, levando em consideração seus trabalhos publicados na revista *Rheinisches Museum*, dirigida por Ritschl, concedem-lhe o título de doutor. (DIAS, 2003, p. 27).

O jovem Nietzsche, que atuou como professor do Ginásio² e da Universidade da Basileia entre 1869 e 1879, teve contato direto com a turbulenta realidade de sua época, a qual foi marcada por grandes transformações políticas, econômicas, e, sobretudo culturais. Como educador Nietzsche era visto por seus alunos “como um professor estimulante, cordial, que improvisava com maestria, a partir de algumas anotações e explicações das obras [...] é na sala de aula que Nietzsche terá mais prazer em ensinar” (ASTOR, 2013. p. 79). Por outro lado, por ter recebido um título de doutor em Filologia sem defesa de tese, mas apenas com base em suas contribuições em forma de traduções e pesquisas sobre a antiguidade clássica,

¹ Esta é uma expressão utilizada por Nietzsche no prefácio de sua obra *O Anticristo* (1895), que, pelo contexto em que é empregada, significa que para enxergar com seriedade o que há de errado nas instituições “é preciso estar acostumado a viver no cimo das montanhas – e ver a imundice política do nacionalismo abaixo de si [...] ter se tornado indiferente [...] possuir uma inclinação – nascida da força para questões que ninguém possui coragem para enfrentar, ousadia para o proibido [...] uma experiência de sete solidões”. (NIETZSCHE, 2007, p. 15). Ou seja, o autor nos mostra que é necessário ter um olhar neutro, afastado de idolatrias, patriotismos ou extremismos diversos para ser capaz de analisar o que existe por trás dos discursos propagados pelos meios culturais, educacionais e políticos de uma nação. Destarte, o retiro solitário, assim como o fez andarilho e eremita Zaratustra, é imprescindível para o desenvolvimento de uma percepção mais aguçada e de uma observação mais crítica e isenta em relação aos aspectos distorcidos que fundamentam a sociedade.

² Ginásio ou *Gymnasium* corresponde a uma modalidade de ensino secundário que, atualmente, seria equivalente ao fundamental, de 5º a 9º ano, bem como ao médio, de 1º ao 3º ano.

“não deixaria de despertar as primeiras suspeitas de uma comunidade universitária tão ciosa do brilho de seus diplomas [...]”. (ASTOR, 2013, p. 79).

No início de 1872, profere uma série de cinco conferências intituladas *Sobre o futuro de nossos estabelecimentos de ensino* para a sociedade acadêmica da Basiléia, sendo ouvido por um considerável número de jovens estudantes e intelectuais da instituição. Nestas palestras, ele ataca severamente o sistema educacional alemão, acusando as instituições de seu tempo de promoverem um tipo de formação que não priorizava a promoção da verdadeira cultura, que para ele teria sua fonte na antiguidade clássica. Por sua vez, em 1874, Nietzsche publica sua terceira Extemporânea: *Schopenhauer como educador*. Segundo Dias (2003, p. 43) “para escrever esse ensaio, recorre às anotações que fizera para a sexta e sétima conferências, não proferidas, *Sobre o futuro...*”. Nessa extemporânea, dedicada a Schopenhauer, não mede elogios ao filósofo, não em relação ao seu sistema, mas à sua vida enquanto pensador que não foi submetida à erudição universitária, sendo considerada por Nietzsche como um exemplo ou modelo para inspirar-se e educar-se.

No entanto, as conferências proferidas por Nietzsche demonstram, em certo sentido, o incômodo que sentira em relação ao modo crítico que os intelectuais da Universidade Alemã receberam sua obra *O nascimento da tragédia no espírito da música* (1871), a qual foi dedicada ao compositor Richard Wagner (1813-1883), por quem expressava uma grande admiração nesse período.

Nesse sentido, de modo geral, a sua censura ao sistema pedagógico da época tem como provável impulso a indiferença com que seus escritos foram recebidos na academia, ou seja, com isso fica ainda mais claro para Nietzsche o empobrecimento cultural da época. O fato dessa cultura vigente não reconhecer a antiguidade helênica como a fonte mais sublime e autêntica de cultura, apenas demonstrava o extremo analfabetismo cultural presente e cada vez mais incentivado nos estabelecimentos de ensino. Embora que, apenas em seus escritos da juventude ele aborde diretamente a questão da educação, a preocupação em contribuir com engrandecimento do ser humano através de suas ideias é algo que transparece em toda a sua produção intelectual.

2.2 O projeto de unificação do Estado alemão

A modernidade trouxe consigo relevantes mudanças não apenas no que tange à organização política e econômica, mas, sobretudo em relação ao advento da ciência e consolidação da vida urbana. Com efeito, a virada do século XVIII para o século XIX, acarretou uma explícita necessidade alemã, a saber, a carência de mão de obra qualificada para ocupar os postos funcionais recém-abertos no Estado, uma vez que esse período foi

marcado por uma emergente intensificação econômica decorrente da revolução industrial. Ou seja, o “fenômeno da urbanização acelerada, decorrente do capitalismo industrial criou uma forte expectativa com respeito à educação, pois a complexidade do trabalho exigia melhor qualificação da mão de obra” (ARANHA, 2006, p. 199). Por outro lado, acerca da Alemanha do século XVII ao século XVIII, seu território era então fragmentado em vários estados independentes, os quais não permitiam o crescimento da intelectualidade. Diante disso, muitos pensadores da época foram além das fronteiras dos territórios desses estados, os quais viviam em conflito, para idealizar medidas que contribuíssem não apenas para a difusão da cultura, mas também para disseminação de ideais sobre a política nacional. Assim:

O fato de maior destaque na história política europeia durante o século XIX foi o aparecimento do Império Alemão e sua emergência como uma potência mundial. Esse resultado foi devido, principalmente, ao desenvolvimento da hegemonia prussiana entre os Estados germânicos. Um impulso transformador foi dado à educação elementar na Alemanha, no início do século XIX. Quando, em 1806, a Prússia sangrava em consequência da derrota para as tropas de Napoleão, o filósofo Fichte, debaixo das sentinelas francesas *Unter den Linden*, proferia seus discursos entusiásticos, dirigidos à nação alemã. Declarava que a única esperança de salvação para seu povo ferido estava na adoção do sistema de educação pestalozziano. [...] a Prússia se tornou uma nação de mestres e alunos. Dentro de três décadas as escolas prussianas se tornaram os modelos para o mundo. Toda a educação elementar tornou-se pública e gratuita. Desapareceu o analfabetismo. (EBY, 1976, p. 462).

A Alemanha foi pioneira entre as nações europeias no que diz respeito à estruturação de um sistema público de ensino organizado e regido pelo Estado. À luz disso, destaca-se que um fator que praticamente forçou o Estado alemão a promover profundas transformações em seu sistema de ensino foi a derrota sofrida pelo exército prussiano para as tropas de Napoleão, no início do século XIX. De fato, esse revés prejudicou bastante a organização da escola, cuja reconstrução ficou a cargo do ministro da Prússia, Wilhelm von Humboldt³. Suas reformas enfatizaram a integração dos graus de ensino, visando a uma escola unificada, que deveria ser aberta e acessível a todos. (Cf. ARANHA, 2006, p. 201).

Já na segunda metade do século XIX, quando Otto von Bismarck⁴, em 1862, é indicado como primeiro ministro da Prússia, os ideais de patriotismo e o nacionalismo passaram a ser intensamente propagados sobre todas as esferas da sociedade, principalmente

³ Filósofo e linguista prussiano que viveu entre 1767 e 1835. Em sua vida acadêmica, contribuiu de forma significativa para a filosofia da linguagem, bem como para a pedagogia alemã, sendo considerado por muitos como o “patriarca do sistema educacional alemão”.

⁴ Foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. Conhecido como ‘chanceler de ferro’, responsável pelo projeto que impulsionou a industrialização e a aceleração econômica do país, o que culminou na unificação dos países germânicos em um Estado único e fortalecido.

nos meios educacionais. Segundo Aranha (2006), esse período culminou com a unificação dos Estados alemães em 1870, sob a liderança da Prússia. Nesse sentido, até o final do século XIX, inúmeras e efetivas reformas conduziram a Alemanha a um ensino secundário eficiente, rigoroso e disciplinado, com uma relevante diminuição nos níveis de analfabetismo e uma invejável posição de progresso técnico e administrativo. A forma encontrada para unificar a nação fora através do processo educativo, tornando a educação além de compulsória, um requisito obrigatório para cidadania. Esse, dentre outros fatores, permitiu o desenvolvimento e o fortalecimento da economia que, na exploração de minério, tinha na indústria um segmento em ascensão. Ou seja, pensando não apenas no crescimento econômico do país, mas, sobretudo no ambicioso projeto de transformar a Alemanha em uma potência, a educação passou a ser vista por uma perspectiva formativa de caráter imprescindível para os interesses do Estado. Assim afirma CAMBI, (1999, p. 214) que:

[...] o novo centro motor da pedagogia é a reorganização da sociedade em torno de um modelo produtivo e ideologicamente orgânico, embora articulado e diferenciado nos seus elementos. Pretende-se formar um homem social ativo e útil para a sociedade [...], delinear uma cultura socialmente engajada, caracterizar a sociedade sob o aspecto da eficiência, de produção e de governo.

Segundo Aranha (2006, p. 201), “ao lado da expansão da rede escolar, outro objetivo dos educadores no século XIX, era formar a consciência nacional e patriótica do cidadão.” Nesse período, a educação alemã passa a ficar sob a tutela do Estado nacionalista, que significava que este dispunha de certa liberdade para imprimir seus ideais patrióticos de expansão, por meio de um processo de ensino que visava não apenas a formação cívica cidadã do jovem alemão, mas, principalmente a sua preparação para atender as demandas do Estado.

Assim, “a partir de 1870, o aumento da produção alterou o capitalismo liberal, que substituiu a livre concorrência pelo moderno capitalismo dos monopólios [...]” (ARANHA, 2006, p. 200). Em relação a esses segmentos em plena ascensão, a educação passou a ser vista por uma ótica funcional de fundamental importância para a economia e política do Estado. Com efeito, o Estado passou a enxergar a educação como um meio e não como um fim, ou seja, ele percebeu que as instituições de ensino poderiam ser usadas para formar os servidores de que tanto necessitava.

Seguindo esse raciocínio, com a reformulação do sistema de ensino, a escola, que antes era portadora de um papel humanista, passou a ser compreendida como unidade para preparação de mão de obra produtiva a ser utilizada pela emergente industrialização alemã. Diante disso, diz Nietzsche (2011, p. 51) acerca da reformulação do sistema educacional que

“[...] muitas mudanças dos nossos estabelecimentos de ensino, que a nossa época se permitiu para torná-los ‘atuais’, são em boa parte aspectos falhos e errâncias em relação à tendência sublime que originalmente presidiu sua fundação”. A educação não se fundava mais em uma produção cultural embasada por ideais sublimes apreendidos na antiguidade, mas passou a ser gradativamente reduzida a uma mera relação comercial.

3. A CULTURA A SERVIÇO DO ESTADO

Nas conferências *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, Nietzsche realiza uma interessante abordagem sobre o sistema educacional vigente em seu tempo. O filósofo observa como a cultura, que deveria ser não apenas a fonte que alimenta todo o processo pedagógico, mas também o seu objetivo primordial, passou a ser utilizada pelo Estado como instrumento de massificação de indivíduos para corresponder às necessidades de crescimento da nação como potência. Em virtude disso, os sistemas de ensino eram administrados pelo Estado, que incumbia à escola a missão de formar não só cidadãos conscientes de seu dever cívico para com a nação, mas, principalmente, formar indivíduos profissionalmente qualificados que pudessem contribuir com sua força no processo de desenvolvimento econômico estatal, bem como militar. As escolas modernas passaram a ser vistas como “canteiros de cultivo” para preparar homens dentro das imposições do Estado.

“[...] um estado deseja uma extensão máxima da cultura para garantir sua própria existência, pois ele [o Estado] se sente ainda forte o bastante para ter sob seu jugo a cultura mais violentamente desencadeada, e entra sua confirmação logo que a cultura mais extensa de seus funcionários e de seus exércitos fornece afinal de contas uma vantagem a ele, o Estado, na sua rivalidade com outros Estados”. (NIETZSCHE, 2011, p. 74).

O processo de reconfiguração econômica e militar do Estado desemboca, por conseguinte, no projeto de modernização dos estabelecimentos de ensino. O planejamento da educação girava em torno da obtenção de um processo educacional que preparasse o jovem para o aprendizado técnico, pois o Estado necessitava de homens prontos para servir. Assim, “o Estado teve a ocasião de fazer valer bem alto seu mérito em relação à cultura: mas ele somente a promove para promover a si mesmo, e não concebe um objetivo que seja superior a seu bem e à sua existência própria”. (NIETZSCHE, 2011, p. 230).

O Estado moderno visa à produção e disseminação de uma cultura que corresponda às suas necessidades militares, econômicas, comerciais e funcionais. Nesse sentido, para atingir esse propósito, o Estado passou a investir massivamente em uma cultura que formasse o máximo de indivíduos possível dotados de certo saber e cientes de seu papel social para com o Estado em um curto espaço de tempo. Assim Nietzsche (2011, p. 72) identifica

[...] duas correntes aparentemente opostas, ambas nefastas nos seus efeitos e finalmente unidas nos seus resultados, dominam hoje os nossos estabelecimentos de ensino: a tendência à *extensão*, à *ampliação* máxima da cultura, e a tendência à *redução*, ao *enfraquecimento* da própria cultura. A cultura, por diversas razões, deve ser estendida a círculos cada vez mais amplos, eis o que exige uma tendência. A outra, ao contrário, exige que a cultura abandone as suas ambições mais elevadas, mais nobres, mas sublimes, e que se ponha humildemente a serviço [...] do Estado.

A extensão máxima da cultura garante ao Estado à força de uma nação não apenas fortalecida política e economicamente, mas, sobretudo, militarmente em relação aos outros estados. Essa cultura garante a sobrevivência do Estado como instituição de progresso, mantendo-o preparado para ampliar os setores base. Porém, a extensão máxima da cultura para o maior número de pessoas, implica, conseqüentemente, na sua redução ou enfraquecimento como elemento formador dos homens.

À luz disso, a tendência que busca ampliar a cultura tem um viés utilitário, sendo caracterizada como uma tentativa de universalizá-la para um quantitativo cada vez maior de indivíduos, uma vez que o mercado necessita de mão de obra servil. Além disso, a tendência inclinada à redução da cultura visa transmitir também um saber massificador que estabeleça sobre os indivíduos as ambições do Estado. Ou seja, pretende-se que os indivíduos consagrem sua vida à defesa dos interesses do Estado, o qual exige que seus servidores procurem uma especialização, sendo ‘fiéis às pequenas coisas’ e aos ideais propostos pelo Estado. (Cf. DIAS, 2011, p. 91). Diante disso, continua Dias (2003, p. 90):

O Estado e os negociantes são os primeiros grandes responsáveis pela depauperação da cultura [...] exigindo uma formação rápida para terem a seu serviço, funcionários eficientes e estudantes dóceis uma educação aprofundada, que lhes permita boa especialização para poderem ganhar ainda mais dinheiro.

Com efeito, a cultura tem um caráter estritamente utilitário e uma natureza predominantemente lucrativa, sendo fundamentada em relações comerciais, que visam à obtenção máxima de lucros, isto é, a densidade do tipo de cultura propagada era proporcional à quantidade de dinheiro que fosse capaz de gerar para aqueles a quem ela servia. No tocante a isso, Nietzsche em *Schopenhauer como educador*, fala sobre as instâncias que contribuem de forma hedionda, para que a cultura sirva aos interesses daqueles considerados seus algozes, sendo reduzida tão somente a uma ferramenta utilitária nas mãos de indivíduos ambiciosos pelo poder, pelo lucro e pelo puro e irrestrito aumento de suas forças militares.

Isso ocorre, segundo Nietzsche, por intervenção de três egoísmos, a saber, o *egoísmo do Estado*, *egoísmo dos negociantes* e o *egoísmo da ciência*. No primeiro egoísmo, conforme

Nietzsche (2011), o Estado deseja a extensão e a generalização máxima da cultura e possui nas mãos os instrumentos para satisfazer suas demandas. Diante disso, seu interesse pela universalização da cultura, que tem como meta promover o desenvolvimento intelectual de uma geração, é motivado pelo caráter utilitário do investimento, isto é, preparar indivíduos para servir às instituições.

Por sua vez, no segundo egoísmo, “não se atribui ao homem senão justamente o que é preciso de cultura no interesse do lucro geral e do comércio mundial [...] ‘O homem tem necessariamente direito à felicidade terrestre’, eis porque a cultura é necessária [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 217). A classe dos negociantes tem necessidade da cultura pelo fato desta intensificar o consumo, ou seja, quanto maior for a produção, maior será o lucro e, conseqüentemente, mais felicidade. A felicidade, nesse contexto, estaria ligada singularmente a quanto os indivíduos são capazes de consumir na satisfação de seus desejos. Assim, segundo Dias (2003, p. 82) “os adeptos dessa fórmula definem a cultura como um instrumento que permite aos homens acompanhar e satisfazer as necessidades de sua época [...] para torná-los aptos a ganhar muito dinheiro”. A formação nos estabelecimentos de ensino parte do pressuposto de se formar a maior quantidade de homens possível de forma rápida, dentro de um modelo comum. Em pouco tempo estes homens estarão movimentando a economia através do consumo de produtos e mercadorias.

Em suma “o que querem os negociantes, quando exigem incessantemente instrução e educação, é sempre em última análise o lucro”. (NIETZSCHE, 2011, p. 230). Por fim, acerca do terceiro egoísmo, diz Nietzsche (2011, p. 223): “a ciência [...] é fria e árida [...] é útil apenas a si mesma, tanto quando é nociva a seus servidores, na medida em que transpõe neles seu caráter próprio e assim ossifica de alguma maneira sua humanidade”. Para o autor, se entendermos o progresso da ciência como cultura, tal avanço passará de maneira fria e impiedosa sobre a natureza humana, uma vez que a ciência é pautada na insaciável sede de conhecimento. Na concepção de Dias (2003, p. 83) “Nietzsche, ao criticar a ciência, não visa aniquilá-la, mas conter os seus excessos [...] o homem da ciência retira o véu benfazejo que cobre a vida e a embeleza, e isso tudo em nome do real e da verdade”.

Em linhas gerais, baseado numa lógica econômica, a finalidade estatal é produzir mão de obra em larga escala. A tendência que reduz e, por conseguinte enfraquece a cultura, segundo Nietzsche (2006), tem como base uma divisão do trabalho fundamentada na logicidade científica, assim como na especialização erudita voltada para uma determinada área do saber técnico. Dessa forma, “adquirir cultura significaria capacitar os indivíduos a ganhar dinheiro, pôr rapidamente mãos à obra ou então ingressar nos quadros do estado”

(DIAS, 2003, p. 78). O caráter burocrático do ensino, segundo Nietzsche, tornava este acessível a todos, porém, sua base, definida então pelo Estado, teria como propósito a formação rápida de homens para responder a um forte desejo de ganho.

De fato, as duas tendências aliadas à promessa de rápida capacitação profissional, bem como aos interesses econômicos e comerciais do Estado, vão criando, de forma vertiginosa, círculos medíocres e cada vez mais distantes da verdadeira cultura. Assim, conforme a ideia anteriormente exposta “a verdadeira tarefa da cultura seria então criar homens tão correntes quanto possível, um pouco no sentido em que se fala de uma moeda corrente” (NIETZSCHE, 2011, p. 73). A universalização da cultura assume uma tarefa primordial, a saber, na formação de homens que visem o crescimento econômico e a ascensão social como um projeto de vida, cujo ápice seria poder “extrair a maior quantidade possível de felicidade e de lucro” (NIETZSCHE, 2011, p. 73). Seguindo essa mesma ideia, complementa Nietzsche na sua Terceira intempestiva, *Schopenhauer como educador*:

[...] quanto mais houver conhecimento e cultura, mas haverá necessidades, portanto, também, mais produção, lucro e felicidade, eis aí a falaciosa fórmula. Os partidários desta fórmula definiram a cultura como a inteligência com a qual as pessoas se tornariam, nas suas necessidades e na sua satisfação, absolutamente atuais, mas com a qual, ao mesmo tempo, se disporia melhor de todos os meios e de todos os procedimentos que permitiram ganhar dinheiro com maior facilidade. (NIETZSCHE, 2011, p. 216-217).

Para Nietzsche, tal cultura não conduz de maneira alguma o homem à elevação de seu espírito e de suas forças. Ao contrário, transforma-o em um ser comum preparado tão somente para executar determinadas tarefas, ou melhor, especializado para ocupar algum cargo no Estado e, em um futuro breve, servir a este como um erudito, que nada mais é do que um escravo de uma cultura decadente. Diante disso, com a cultura reduzida e enfraquecida para funcionar como um instrumento de modelamento e conformação de indivíduos, o filósofo identifica uma vertente que fomenta a aliança entre as duas tendências apresentadas anteriormente.

O jornalismo é a confluência das duas tendências: ampliação e redução da cultura dão aqui as mãos; o jornal substitui a cultura, e quem ainda, a título de erudito, tem pretensões à cultura, este se apoia habitualmente nesta trama de cola viscosa que cimenta as juntas de todas as formas de vida, de todas as classes sociais, de todas as artes, de todas as ciências. É no jornal que culmina o desígnio particular que nossa época tem sobre a cultura: o jornalista, é o senhor do momento, tomou o lugar do grande gênio, do guia estabelecido para sempre daquele que livra do momento atual. (NIETZSCHE, 2011, p. 76-77).

A cultura jornalística, segundo Nietzsche, aos poucos degenera a verdadeira cultura, pois ao tempo em que ela amplia o alcance das informações para o grande público, realiza também, de forma rápida a transmissão artificial e superficial das ideias, sobrepujando a importância do gênio. Diante disso, segundo Dias (2003, 91), “enquanto o sistema pedagógico estiver atrelado à ampliação e à especialização, não se poderá falar em uma educação voltada para a cultura, pois aquelas duas tendências, aliadas à cultura jornalística, são contrárias aos designios da natureza”. O jornalismo, pois, renuncia à aspiração de uma cultura superior em detrimento da proporção que uma cultura ampliada poderá alcançar nos meios sociais.

Diante disso, segundo Nietzsche (2011, p. 195) os jornalistas “pensam em si mesmos com mais pressa e exclusivismo como jamais os homens o fizeram, eles constroem e plantam para o presente [...]”. Para Nietzsche, o jornalista é o senhor do momento e a característica fluída de seus veículos de comunicação e informação apela para a superficialidade dos fatos, e, de modo algum, faz qualquer aprofundamento nas questões pertinentes a uma cultura autêntica. Assim, “o jornalista [...] representa a pseudocultura, a aceleração, a indisciplina intelectual, a superficialidade, a imaturidade, o espírito plebeu da divulgação [...] é o que opina sobre tudo e sobre todos [...] fala qualquer coisa [...]” (LARROSA, 2009, p. 33). Além disso, o viés jornalístico, quando observado por esse panorama, passa a ser a principal metodologia de transmissão de cultura empregada nos estabelecimentos de ensino, sendo que seu objetivo principal seria a formação erudita, ou melhor, especializada. Assim, segundo Nietzsche (2011, p. 225)

Se o erudito quer passar de uma questão já explorada a outra, ele volta para esta questão todo o seu aparelho visual. Ele decompõe uma imagem em simples manchas, do mesmo modo como, na ópera, se usa um binóculo para ver a cena e examinar um rosto ou detalhe da vestimenta, mas nada inteiro. Ele jamais vê estas manchas isoladas reunidas, e apenas se limita a deduzir a coesão; eis porque tudo o que é geral não lhe deixa nunca uma forte impressão [...] incapaz de abordar um escrito na sua inteireza, o julga segundo alguns fragmentos, algumas frases ou ainda algumas faltas; ele seria facilmente induzido a afirmar que um quadro não é senão um monte desordenado de pontos de cor.

O erudito, nesse sentido, ou o jornalista nada mais é do que um “senhor do momento”, isso é, adepto de uma “leitura de folhetins”, que busca sempre um saber especializado que aspira à superficialidade das coisas. O caráter estéril de suas ideias desagua em um olhar superficial sobre a natureza do conhecimento, fato esse que o torna incapaz de compreender de forma singular as questões que a ele se apresentam. De acordo com Larrosa (2009, p. 32) “o erudito representa o nanismo intelectual, o ir daqui para lá consultando livros, mas sem nunca ‘receber uma impressão insólita ou ter um pensamento decente’ [...] nem sequer requer

um gosto educado e uma sensibilidade refinada”. Ao analisar os clássicos, o erudito não tem qualquer agudeza em sua leitura para ir além daquilo que se apresenta aos seus olhos, ou seja, sua compreensão sobre os escritos se limita à decodificação rasa das ideias que em nada contribui para a elevação do espírito humano.

Assim, segundo Nietzsche (2011, p. 75) “um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não faz senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinada”. Ou seja, o homem moderno, instruído na erudição, foi ensinado a se interessar tão somente por aquilo que detém em si alguma utilidade prática, por exemplo, um posto de funcionário do governo, com o qual pode ganhar dinheiro para consumir produtos e sobreviver.

Ora, a cultura jornalística ou cultura de massa adentrou, de modo avassalador, em todos os setores da sociedade, mas foi nos estabelecimentos de ensino onde a sua proliferação se fez de maneira mais nociva aos desígnios da verdadeira cultura, sendo impulsionada pelas duas correntes anteriormente explicitadas, ampliação e redução da cultura. Aliada a esse fator, a supremacia científica nesse período conduzia à superficialidade do conhecimento no que concerne a busca pela essência de uma cultura autêntica, pois “tudo está a serviço da barbárie [...] incluídas a arte e a ciência desta época. O homem culto degenerou até se tornar o maior inimigo da cultura, pois ele quer negar com mentiras a doença geral e é um estorvo para os médicos”. (NIETZSCHE, 2011, p. 194).

O jornalista está a serviço da erudição, assim como a sua cultura está a serviço da “barbárie cultivada” que degenera tudo aquilo de nobre com o qual tem algum contato. Na visão de Nietzsche, a cultura disseminada no século XIX não passava de uma imagem degenerada daquilo que um dia pôde ser chamado de cultura autêntica. Para ele, a verdadeira cultura, que tem sua gênese no contato com os clássicos da antiguidade, foi sobrepujada em favor dessa forma deturpada. Desse modo:

[...] levar seu aluno ao mundo helênico, tão infinitamente longínquo, tão difícil de compreender, por considerá-lo como a verdadeira pátria da cultura: tudo isso seria inútil, quando o mesmo estudante, um minuto antes, tenha pego um jornal, cujo estilo já traz consigo os brasões repugnantes da barbárie cultivada [...] (NIETZSCHE, 2011, p. 77).

A “barbárie cultivada” invadiu as instituições de ensino usando o jornal como artifício e o codinome “cultura” como roupagem, e se entranhou no espírito da autêntica cultura alemã como um parasita que necessita de um hospedeiro para sobreviver e se reproduzir. O resultado disso foi a transfiguração da cultura em uma “doença geral” que corrompia tudo e alcançava a

todos, uma cultura artificial que uniformizava os indivíduos através de um processo pedagógico que apenas os distanciavam cada vez mais da “verdadeira pátria da cultura”, isto é, da antiguidade helênica. A educação, pois, era organizada como um movimento que direcionava o estudante para a celeridade dos fatos, pois tudo o mais seria irrelevante diante do objetivo primordial do ensino, a saber, proporcionar aos jovens uma rápida inserção no mercado de trabalho como cidadãos patrióticos cientes dos seus deveres para com a sua nação.

4. O SISTEMA DE ENSINO ALEMÃO SOB O JUGO ESTATAL

Pensando em uma possível restauração da cultura alemã no âmbito educacional, Nietzsche volta seu olhar para as instituições de ensino alemãs, examinando as diferentes etapas do ensino na formação dos jovens, a saber; o ginásio, a universidade e a escola técnica. A princípio, o filósofo ressalta a importância do ginásio como a base fundamental do ensino, pois, segundo Nietzsche (2011, p. 144):

[...] os objetivos da cultura que ele visa deviam dar a medida para todas as outras instituições, os desvios de sua tendência deviam afetá-las de alguma maneira. Nem mesmo a universidade poderia aspirar agora este papel importante de centro motor, pois, em vista da sua estrutura atual, ela deve ser considerada, num dos seus aspectos essenciais, como uma continuação da tendência do ginásio.

O ginásio seria a base fundamental da educação, o ponto de partida no qual os jovens teriam seu primeiro contato com a cultura através do estudo linguístico, recebendo suas primeiras lições sobre a importância de se valorizar as raízes primordiais oriundas dos antigos. A universidade seria, nesse sentido, tão somente uma extensão do ginásio, uma tendência cuja cultura seria, por assim dizer, um pouco mais aprofundada no estudo dos clássicos antigos. Nesse sentido, para Nietzsche, (2011) a cultura começa justamente no aprendizado da língua materna⁵, sendo este um domínio no qual o aluno deveria aprender a operar de modo conveniente, e é somente deste ponto de vista prático que o ensino do alemão seria necessário nos estabelecimentos de ensino.

De acordo com o filósofo, com a reformulação da literatura pedagógica, “nada restou da influência do *modelo clássico*: e de cultura clássica, que deveria sair do nosso ginásio, algo de muito duvidoso e equivoco”. (NIETZSCHE, 2011, p. 87). Ou seja, as escolas modernas não tratam o ensino da língua materna com a devida prioridade, diferentemente do mundo clássico dos gregos e romanos, no qual a cultura, assim como o seu plano de educação tinham como fundamento primordial não apenas a formação humanista, mas, sobretudo, a

⁵ O modelo clássico de educação priorizava, outrora, o ensino do Grego e do Latim na educação linguística do Ginásio.

valorização de sua língua materna. O primeiro contato dos jovens com a cultura clássica, portanto, dar-se-ia pela implantação da educação linguística.

Dessa forma, um contato direto dos jovens ginásianos com os clássicos é deveras impossível, a não ser pelo aprendizado da língua. O estudante do ginásio não está preparado para adentrar diretamente na essência da verdadeira cultura, mas deve ser tão somente introduzido para dar os primeiros passos em direção a isso, pois, “uma verdadeira cultura clássica é algo tão extraordinariamente difícil e raro e demanda dons tão complexos, que não é permitido, senão por ingenuidade ou por insolência, apresentá-la como um objetivo acessível ao ginásio”. (NIETZSCHE, 2011, p. 88). E o primeiro contato com a antiguidade, que, segundo o autor, seria a única e verdadeira pátria da cultura autêntica, se dá pelo aprendizado correto da língua materna, a qual deve ser ensinada aos jovens no ginásio.

Para atravessar os “muros de diamante” que protegem o mundo helênico, faz-se necessário o estudo dos clássicos alemães que, segundo Nietzsche, funcionariam como asas que levam diretamente ao cume mais alto da cultura autêntica. Porém, nesse contexto, entra outro problema, a saber, os professores “filólogos eruditos” que, abusando de um estilo jornalístico, deturpam os clássicos através de um olhar superficial, para que sejam “ingeríveis” com maior facilidade pelas massas. Dessa forma, de acordo com Nietzsche (2011, p. 93):

Os filólogos estão mais infatigavelmente preocupados em apresentar por si mesmos às almas jovens o seu Homero e o seu Sofocles, e, sem um maior exame, eles chamam o resultado disso, com um eufemismo incontestável, de cultura clássica. [...] eis aí um domínio onde se encontram as mais frequentes e as mais fortes ilusões e também os erros de compreensão vertidos despropositadamente [...] não é surpreendente imaginar que o ginásio se tenha separado dos clássicos alemães e da construção da língua alemã. Com um salto no vazio, não se leva ninguém à antiguidade: e, porém, todo modo de tratar os escritores antigos nas escolas, todo comentário intrépido e toda paráfrase dos nossos professores de filologia não são senão um salto no vazio.

Os clássicos alemães foram os guias para o mundo helênico clássico, porém, pouco a pouco foram sendo deixados de lado ou mesmo deturpados em detrimento da cultura jornalística, a qual visava à reprodução dos saberes necessários ao futuro servidor do Estado. Para Nietzsche, não há como acessar os clássicos antigos por um viés superficial, sendo que qualquer tentativa de realizar essa tarefa por esse meio desaguará sempre em “erros de compreensão”, sendo essa tentativa nada mais que um “salto no vazio”, uma vez que sem um alicerce sólido de leituras como embasamento, qualquer interpretação será apenas uma rasa opinião, mas nunca um contato com a verdadeira cultura. Além disso, segundo Dias (2003, p.

94) Nietzsche compreende, de maneira singular, “na aprendizagem da língua materna e da arte de escrever uma das tarefas essenciais da escola secundária. A língua alemã se encontra contaminada pelo ‘pretensível estilo elegante’ do jornalismo”.

Como já foi dito, o ensino da língua deveria ser a base primordial da formação do ginásiano, de modo a proporcionar ao jovem seu primeiro contato com os clássicos. Todavia, o ensino da língua estava sendo trabalhado por meio de um viés jornalístico, o que acabava criando uma verdadeira muralha entre a língua ensinada e o espírito dos homens raros, poetas e artistas clássicos. Diante disso, afirma Nietzsche (2011, p. 81): “[...] agora cada um fala e escreve a língua tão má e tão vulgarmente quanto lhe é possível na época do alemão jornalístico [...]”. A erudição, que tem como base o jornalismo, é a expressão mais fiel da barbárie que transformou o ginásio em um “viveiro de cultivo” para disseminação da pseudocultura. Segundo o autor, são impressos sobre os jovens “a tendência de produzir de modo apressado e vão, a mania desprezível de escrever livros, a total ausência de estilo, um modo de expressão não refinado e sem caráter [...] em suma, os traços literários do jornalismo [...]”. (NIETZSCHE, 2011, p. 86).

Outro fator oriundo da modernização do sistema de ensino, introduzido nas instituições ginásianas foi a chamada “liberdade acadêmica”, na qual é oferecida ao estudante certa autonomia, sobretudo em relação à produção escrita. No entanto, segundo Nietzsche, esta é uma fase na qual o estudante não possui maturidade intelectual suficiente para exprimir suas ideias, de maneira que “toda frase pronunciada ou escrita é um barbarismo”. (NIETZSCHE, 2011, p. 86). O caráter autônomo numa idade tão prematura, em termos de agudeza crítica e cultural, na qual ainda não se desenvolveram as forças necessárias a uma aspiração além da decodificação de palavras, é visto por Nietzsche como algo nocivo à formação do jovem alemão.

Como já fora comentado anteriormente, a universidade não seria o centro motor do processo educativo, pois sua estrutura deve ser considerada tão somente uma extensão do ginásio. No decorrer de suas conferências, Nietzsche faz severas críticas ao ensino superior, sobretudo no que diz respeito à pretensa autonomia universitária ou “liberdade acadêmica”, na qual os professores falam o que pensam aos seus alunos, e estes, por sua vez, pensam que são livres porque podem escolher o que querem ouvir ou escrever, mas na verdade, atrás deles há o Estado como aquele que estabelece os rumos que a cultura deve tomar nas instituições.

Ou seja, o “Estado, com o semblante atento do vigia, para lembrar de vez em quando que ele é o objetivo, o fim e a quintessência destes estranhos procedimentos que são o falar e o ouvir”. (NIETZSCHE, 2011, p. 147). Nesse sentido, “o universitário [...] vive

aparentemente livre e independente, e sente-se como num sonho, quando pensamos poder voar, mas nos sentimos presos por obstáculos inexplicáveis”. (SAFRANSKI, 2005, p. 39). A ilusão de autonomia, no lugar do que deveria ser uma formação rigorosa que despertasse no aluno suas potencialidades, torna-se uma domesticação, pela qual o Estado imprime seus interesses e aproveita-se deste “inocente sem culpa”, que carece de um “grande guia” para conduzi-lo.

Por sua vez, a filosofia universitária, na visão nietzschiana, também foi degenerada pela cultura histórica fortemente propagada no ensino superior. Não obstante, Nietzsche compreende o historicismo como um fator nocivo ao desenvolvimento da cultura no ensino superior. Sua crítica é direcionada, principalmente ao caráter estritamente histórico dado aos acontecimentos e personagens do passado. Nessa perspectiva, a reflexão nietzschiana sobre a educação desemboca, até certo ponto, em uma crítica à cultura histórica propagada nos estabelecimentos de ensino. Segundo Vattimo (2010, p. 20), na visão nietzschiana:

As “fortes” raízes de que o homem necessita para não ser arrastado pelo passado, e sim colocado a seu próprio serviço, não são raízes “históricas”, implicam uma relação com alguma outra coisa que na segunda *Extemporânea* não é claramente definida, a não ser como força plástica e criativa da vida.

Para Nietzsche, a história deve está a serviço da vida, mas nunca oposta aos desígnios desta, uma vez que o excesso de história pode provocar a separação entre a cultura e a vida. (Cf. NIETZSCHE, 2003). Com efeito, segundo Dias (2003, p. 60) “a cultura, na perspectiva de Nietzsche, só pode nascer, crescer, desenvolver-se a partir da vida e das necessidades de vida”. Nietzsche compreende que a história deve auxiliar as grandes obras do passado, contribuindo para a criação pelo exemplo dos antigos, mas não pode, de modo algum, se sobrepor sobre o que há de verdadeiro. A história quando se opõe a vida torna-se *coveira do presente*. (Cf. DIAS, 2006, p. 61). O excesso de história sobre as criações se torna o veneno mais letal contra a própria vida no presente, pois ela cultiva o conformismo e enfraquece a cultura. Por conseguinte, “o que Nietzsche propõe para a cultura histórica é uma questão de dosagem. Não se trata de negar o sentido histórico, mas de conter o seu domínio, de conduzi-lo a uma justa medida”. (DIAS, 2003, p. 61).

O instinto filosófico natural inerente aos jovens foi então imobilizado pela assim chamada cultura histórica. Ou seja, esta seria a fórmula da “autodestruição da filosofia: e agora se revela em todo lugar, com este tratamento histórico das coisas, esta propensão ingênua e privada de escrúpulos de transformar o que é mais irracional em razão”. (NIETZSCHE, 2011, p. 149). A repressão dos instintos, do aspecto irracional do ser humano,

significa a repressão da individualidade, da expressão íntima de cada ser, isto é, a única coisa que atua realmente de forma ativa e verdadeira em direção daquilo que de mais nobre existe.

Todavia, segundo Nietzsche (2011) os filósofos universitários foram os responsáveis por conspirar e reforçar a confiança dos estudantes não em seu próprio instinto, mas em uma cultura histórica. Assim, os problemas que antes eram então aprofundados pelas fortes indagações e reflexões filosóficas, passaram a ser investigados por um viés histórico ou filológico. A história é ao mesmo tempo fundamento e expressão inerente à civilização de massa vigente na modernidade, na qual as exigências da produção reclamam um tipo comum de homem, suficientemente informado, porém, desprovido de sua individualidade e personalidade. (Cf. Vattimo, 2010, p. 17).

Nessa lógica, aliada a esse problema, temos a cultura livresca do jornalismo, a qual “invadiu cada vez mais a universidade, e não foi raro que isto se fizesse usando o nome de filosofia [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 257). O jornalismo penetrou nas instituições de ensino superior disfarçada de filosofia, mas comportando-se como “um fantasma débil” que apenas reproduz um olhar superficial sobre os clássicos, mais bem definido como “sussurros”. Em virtude disso, diz o filósofo:

A única crítica de uma filosofia que é possível e que, além disso, é também a única que demonstra algo, quer dizer, aquela que consiste em experimentar a possibilidade de viver de acordo com ela, esta filosofia jamais foi ensinada nas universidades: sempre se ensinou apenas a crítica das palavras pelas palavras. E agora, que se imagine uma mente juvenil, sem muita experiência de vida, em que são encerrados confusamente cinquenta sistemas reduzidos a fórmulas e cinquenta críticas destes sistemas – que desordem, que barbárie, que escárnio quando se trata da educação para a filosofia! (NIETZSCHE, 2011, p. 249).

O tipo de filosofia ministrada nas universidades não prepara os indivíduos para a vida, isto é, não os forma para a cultura, de modo que seu fundamento seria a uniformização das massas por meio da assimilação de saberes técnicos para assegurar a profissionalização. Nesse sentido, segundo Aranha (2006, p. 201) no “ensino universitário, ampliado e reformulado, foram criadas as escolas politécnicas pra atender às necessidades decorrentes do avanço da tecnologia”. Assim, o ensino superior, também passou a oferecer uma formação que atendesse às necessidades econômicas do mercado capitalista.

Por conseguinte, a filosofia universitária consistia na reprodução de sistemas filosóficos, bem como dos conceitos de seus autores, os quais, mecanicamente apreendidos, em nada contribuíam para o desenvolvimento do espírito humano. Assim sendo, tudo se resumia a realização de exames para garantir que os alunos conseguissem passar rapidamente

pela universidade e obtivessem uma formação que contemplasse algum cargo no quadro funcional do Estado.

Ao lado da filosofia, a arte também foi destituída de suas forças. A universidade não tem qualquer interesse no que concerne à arte, que é sobrepujada pela sede desenfreada da ciência por conhecimento. Nesse sentido, como uma instituição que não tem qualquer tipo de preocupação com a disciplina de arte, ou se importe de investir em projetos artísticos, ou melhor, se ela não é capaz de oferecer ao jovem um contato mais íntimo com a cultura artística, como ela pode aspirar à consideração de elevada instituição cultural? (Cf. NIETZSCHE, 2011, p. 150). Ou seja, continua Nietzsche (2011, p. 150): “se eliminarmos os Gregos e, ao mesmo tempo, sua filosofia e sua arte: com que escala pretendem vocês ainda elevar-se à cultura?”.

A arte está para a vida, assim como a vida está para a cultura, ou seja, são inseparáveis. A arte seria uma das formas pela qual o gênio torna-se apto a acessar a verdadeira pátria cultural, isto é, o mundo helênico. Diante disso, qualquer tentativa de se produzir cultura sem a arte como fundamento primordial, ou reduzindo esta a uma mera “representação histórica”, tal ação não passará de uma dissimulação nefasta, uma tendência que em nada tem a ver com a cultura autêntica. Em toda a produção nietzschiana, percebe-se, pois, uma profunda relação entre a arte e a existência como forma de se compreender, valorizar e elevar a natureza humana.

Por conseguinte, em relação à propagação das escolas técnicas, Nietzsche enxerga sua função como algo extremamente necessário para o desenvolvimento da nação, até certo ponto, pois “ali os indivíduos aprendem a calcular [...] dominar a linguagem para comunicação e adquirem conhecimentos naturais e geográficos [...]” (DIAS, 2003, p. 99). Assim, essas instituições cumprem seu papel na formação direcionada para o desempenho de funções básicas e, ao mesmo tempo, fundamentais para o Estado, tais como: negociantes, funcionários, agrônomos, bem como técnicos em diversas áreas. Seguindo esse raciocínio, ressalta Nietzsche (2011, p. 124):

Não vão com isso crer, meus amigos, que eu quero mitigar os elogios às nossas escolas técnicas e às nossas escolas primárias importantes: eu honro os lugares onde se aprende a calcular adequadamente, onde se domina a língua, onde se leva a sério a geografia, onde se é instruído pelos conhecimentos admiráveis que nos dão as ciências naturais. Estou também inclinado a concordar de bom grado com o fato de que os estudantes que se instruem nas melhores escolas técnicas da nossa época estão perfeitamente autorizados a ter os mesmos direitos que se tem o costume de atribuir aos alunos do ginásio no final dos seus estudos; e não está longe o dia em que se abrirão as portas das Universidades e da administração pública, com a

mesma largueza com a qual se beneficiou exclusivamente até agora os alunos do ginásio.

Nietzsche, nesse sentido, não descarta a necessidade das escolas técnicas, bem como o seu esforço para a formação de profissionais com uma qualificação específica, a qual é exigida para exercício de algum ofício nos quadros do Estado, tampouco a possibilidade destes indivíduos de ingressarem no ensino superior da universidade. Para ele, o fato de se encontrar tantas similaridades entre o ginásio e as escolas técnicas ao ponto de se atribuir um tratamento igual a estas, se deve à ausência de um estabelecimento de ensino que promova a cultura autêntica.

Essa seria a grande problemática, isto é, Nietzsche admite que a relação do ginásio com as escolas técnicas é muito importante para a manutenção da estabilidade política e econômica do Estado, mas a falta de uma instituição que busque, como propósito exclusivo; acolher aqueles que sejam dotados de uma inclinação às artes plásticas, à pintura, à filosofia, à poesia, dentre outros estudos inerentes ao gênio torna-se um problema. Todavia, diz NIETZSCHE (2011, p. 120):

Para viver, para travar sua luta pela existência, o homem deve aprender muito, mas tudo o que ele, enquanto indivíduo aprende e faz com este desígnio nada tem a ver com a cultura. Ao contrário, esta só tem início numa atmosfera que está acima deste mundo das necessidades, da luta pela existência, da miséria.

Ou seja, a cultura não deveria ser reduzida a uma mera instrução para aquisição de habilidade técnica com o propósito de suprir alguma demanda funcional no Estado, ou para garantir a sobrevivência, ela está acima disso, pois faz parte de uma esfera sublime do saber que, devido ao fato de a natureza selecionar alguns poucos, não está acessível à massa. Uma educação que não visa nada além de preparar um funcionário público submisso ao Estado para no futuro auferir ganho material, não faz nada além de ensinar o indivíduo a arte da sobrevivência e perpetuar seus ideais de expansão.

Não obstante, Nietzsche não nega a necessidade de uma educação que prepare o indivíduo para sobreviver, isto é, que ofereça a este uma especialização técnica para obter o seu sustento, mas é enfático ao dizer que aquele que deseja aspirar a uma cultura superior não pode estar ligado a uma luta pela sobrevivência. (Cf. NIETZSCHE, 2011). Ou seja, para Nietzsche, uma educação destinada a formar especialistas para responder as necessidades individuais, bem como as demandas capitalistas da economia estatal, não pode ser chamada de educação para a cultura. Trata-se apenas de formação de mão de obra para a manutenção do processo produtivo da emergente industrialização moderna alemã.

5. EDUCAÇÃO PARA A VERDADEIRA CULTURA

Como já foi aqui abordado, a emergente industrialização alemã ao lado da profunda necessidade de unificação de seu território, levou a Prússia, o mais poderoso entre os estados independentes, a elaborar um projeto de modernização do sistema de ensino como forma de congregar todos os estados autônomos em uma só nação através da educação. Para tanto, ao se priorizar o desenvolvimento científico como forma de alimentar as aspirações capitalistas de crescimento econômico, negligenciou-se o real fundamento da cultura:

[...] atribuir uma única tarefa a cada um de nós: *incentivar o nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós e fora de nós, e trabalhar assim para a realização da natureza*. Pois, assim como a natureza tem necessidade do filósofo, ela tem necessidade do artista, para um fim metafísico, sua própria iluminação, para que lhe seja enfim apresentado numa imagem pura e completa o que na agitação do seu devir, ela não chegará jamais a ver distintamente. (NIETZSCHE, 2011, p. 210).

A tarefa da cultura é oferecer o solo mais fértil para a realização máxima da natureza, isto é, o surgimento do gênio⁶ personificado na figura do artista, do filósofo, do poeta, do escritor, entre outros. De acordo com Dias (2003, p. 79) “a cultura tem de aperfeiçoar a natureza; tornasse seu complemento natural, e não um suplemento artificial; perseguir os mesmos fins da natureza [...] acelerar a vinda do filósofo, do artista [...] mantê-los presos à sociedade”. O gênio é amadurecido na cultura, é cultivado no seio de sua pátria, a qual deveria priorizá-lo em detrimento da massa, pois “o objetivo do desenvolvimento de uma espécie reside lá onde ela alcança seu limite e se transforma numa espécie superior, e não na massa de exemplares ou na sua prosperidade [...]”. (NIETZSCHE, 2011, p. 213). Assim diz o Gênio:

Vejo acima de mim algo de mais elevado e mais humano do que eu; ajudem-me todos a chegar aí, assim como ajudarei a qualquer um que reconheça a mesma coisa e sofra com ela, para que, enfim, renasça o homem que se sentirá completo e infinito no conhecimento e no amor, na contemplação e no poder, e que, com toda a sua plenitude, se agarrará à natureza e se inscreverá nela como juiz e medida do valor das coisas (NIETZSCHE, 2011, p. 214).

⁶ É importante salientar que o conceito de gênio identificado nos primeiros escritos de Nietzsche, no que tange à educação, teve como influências principais as figuras do compositor Richard Wagner (1813-1883) e a do filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860). Segundo Dias (2003, p. 81) “o gênio é a grande natureza contemplativa armada para a criação eterna. A extensão da alma, a força da imaginação, a atividade do espírito, a abundância e a irregularidade das emoções – tudo isso compõe o caráter do gênio.”. De modo geral, o conceito de gênio está presente em todas as fases da produção intelectual de Nietzsche e se refere, por assim dizer ao homem que está além da cultura de sua época, um ser que desenvolveu todas as suas potencialidades de criação e promove a unificação da vida com a natureza através de sua arte.

O gênio representa toda a originalidade do espírito humano, sua completude, bem como a renovação da atividade criadora. Seu olhar é voltado constantemente para a essência das coisas. Ele alimenta um intrépido desejo pelo conhecimento e visa sempre à libertação de si e de todos aqueles que também aspiram aos ideais mais nobres. Com efeito, “o gênio [...] semelhante ao poeta, olha as coisas com um olho puro e apaixonado e se esforça sempre em se integrar mais profundamente a elas [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 247). Para Nietzsche, todo o esforço do Estado na promoção da cultura deveria ser o sacrifício para o engendramento do gênio, ou seja, a unidade em detrimento da quantidade, a vida individual ao invés do grande número.

Nessa perspectiva, segundo Nietzsche, a verdadeira cultura é para poucos, pois a natureza não privilegiou a todos com os mesmos dons e aptidões. Ou seja, não se trata de uma cultura de massa, pois a autêntica cultura não busca quantidade, mas qualidade e, tal pressuposto só pode ser encontrado realmente em uma minoria, uma vez que “para alcançar realmente a cultura, a própria natureza não destinou senão um número infinitamente restrito de homens, e, para o feliz desenvolvimento destes, basta um número muito mais restrito de estabelecimentos de ensino superior”. (NIETZSCHE, 2011, p. 103). De igual modo, o número de mestres deve também obedecer a essa escala de seleção, mas acontece justamente o oposto disso. Segundo Nietzsche (2011), ironicamente a esta questão, é possível aferir que a grande maioria dos mestres atuantes nestes estabelecimentos, se encontra no seu habitat natural, porque seus dons se harmonizam com o baixo nível e com a mediocridade de seus próprios alunos.

Com o excessivo aumento dos estabelecimentos de ensino, tornou-se necessário também um grande acréscimo no número de professores formados, ou melhor, tecnicamente qualificados. Desse modo, “os homens [professores] [...] eram selecionados e preparados com muito cuidado nos métodos humanos e adaptados ao cultivo da inteligência prática e comum. O sistema era orientado especialmente para inculcar os ideais nacionais” (EBY, 1976, p. 462-463). De fato, a necessidade de mais e mais docentes instruídos e doutrinados acerca das ambições do Estado, dentre os quais muitos não tinham sequer a experiência necessária ao magistério, tampouco vocação para exercer o ofício, apresentava-se como mais uma consequência da mercantilização da cultura para atender às demandas de mão de obra do emergente capitalismo industrial.

Dessa forma, tendo como pano de fundo a cultura emanada pelo ideal educacional vigente, a mesma não conseguia fornecer os elementos necessários à realização do indivíduo como potência a ser desenvolvida, cujo projeto, embasado por uma cultura utilitária ou uma

incultura, tornava impossível alcançar qualquer desígnio de elevação superior. Nesta lógica, em *Crepúsculo dos ídolos* (1889), NIETZSCHE, (2009, p. 80) afirma que:

Todo o sistema superior na Alemanha perdeu o mais importante: tanto a *finalidade* como os *meios* para alcançá-la. Que a educação, que a *Bildung* [formação], é a própria finalidade – e não o *Reich* [Estado] – e que os *educadores* são necessários para essa finalidade, que foi esquecida, e *não* professores de escolas secundárias e eruditos universitários... São necessários educadores que sejam *eles mesmos educadores*, espíritos nobres, superiores, que mostrem seu valor a cada instante, através da palavra e do silêncio, representantes da cultura que se tornou madura e *doce* – *não* esses palermas estudados que as escolas secundárias e universidades de hoje oferecem aos seus alunos como ‘babás de luxo’.

Para o filósofo, mestres medíocres é o resultado de uma formação cultural medíocre recebida. A finalidade desse ideal educacional parte de uma premissa repressiva em relação à natureza íntima do homem, isto é, o homem considerado como um ser “livre” é demasiado perigoso para o Estado. Os eruditos, especialistas da época, segundo Nietzsche, os quais também foram educados no mesmo sistema, orientavam seus educandos à submissão e, principalmente, buscavam doutriná-los sobre seu dever cívico para com o Estado. Assim, o crescente número de estabelecimentos de ensino visa, além de tudo, formar educadores, ou melhor, reprodutores capacitados para atuarem no projeto de propagação de uma barbárie cultivada a qual eles chamam de cultura.

Nesse contexto, o jovem estudante, sob o cárcere de sua própria “autonomia”, sente-se atraído para um caminho que se mostra como único a sua frente, ou seja, percebendo “que não pode dar a si mesmo uma direção, nem prestar socorro a si mesmo, então, sem qualquer esperança, ele mergulha no mundo do dia a dia do trabalho cotidiano: a atividade mais trivial o cerca”. (NIETZSCHE, 2011, p. 152). O Estado, através dos estabelecimentos de ensino, bem como pela disseminação de uma cultura utilitária, imprime sobre os jovens, deveres obrigatórios que estes têm com aquela esfera que lhes estendeu a mão outrora, oferecendo oportunidades para o crescimento profissional e, conseqüentemente, financeiro do indivíduo servidor.

Dessa forma, “a ausência de um guia para a cultura o leva de uma maneira de ser a outra: dúvidas, ímpetos, carências da vida, esperanças, desesperos, tudo isso o leva de um lado para outro, o que significa que acima dele todas as estrelas estão apagadas [...]”. (NIETZSCHE, 2011, p. 153). Privado do solo mais fértil da cultura desde o seu ingresso no ginásio, ele só tende ao conformismo tão incisivamente difundido como cultura pelas instituições de ensino. Suas forças latentes são então reduzidas a uma mera vontade de se

sentir útil, de contribuir ou de retribuir com sua mão de obra para a manutenção do sistema estatal.

O ponto nevrálgico da proposta nietzschiana para a educação gira em torno da necessidade de um mestre que possa guiar o espírito jovem na direção correta, diante das sinuosas vias de sua formação. Ou seja, “todos tem necessidade de destes grandes mestres e guias e devem entregar-se à sua proteção”. (NIETZSCHE, 2011, p. 92). Conforme diz Nietzsche (2011, p. 176) na Consideração intempestiva, *Schopenhauer como educador*:

[...] o exemplo deve ser dado pela vida real e não unicamente pelos livros; deve, portanto, ser dado, como ensinavam os filósofos da Grécia, pela expressão do rosto, pela vestimenta, pelo regime alimentar, pelos costumes, mas ainda do que pelas palavras, e, sobretudo mais do que pela escrita. Schopenhauer não dava quase atenção às castas acadêmicas, estava distante disso, buscava independência com relação ao Estado e à sociedade – este é o seu exemplo [...].

O autêntico exemplo, observado no modo de vida filosófica de seu mestre, é o movimento pelo qual o discípulo é inspirado a seguir o caminho da cultura. Ele enxerga o seu mestre como um libertador. O mestre não transmite conselhos, valores morais ou receitas prontas, não se trata de um ensino sistematizado ou planejado previamente que orienta a saberes específicos, como temos atualmente em nossas instituições de ensino. Ele não ensina como o discípulo deve então viver, mas mostra a si mesmo como um exemplo de vida autêntica e regozijante, pela sua forma de compreender o mundo, na qual é possível inspirar-se.

Nietzsche encontra esse caráter singular de educador na figura de Schopenhauer, o qual teceu severas críticas à cultura de sua época, praticando sua filosofia como um modo de vida que aspirava liberdade. Com efeito, Nietzsche (2011, p. 185) relata que “a natureza de Schopenhauer envolvia uma dualidade estranha e extremamente perigosa. Poucos pensadores sentiram em si, a este ponto e com esta incomparável precisão, o pulsar do gênio [...]” Para o filósofo, Schopenhauer não foi apenas um guia, mas, sobretudo uma figura superior com qualidades admiráveis, mais do que um exemplo de grandeza, de homem livre, um ideal de gênio. De fato, segundo Safranski (2005, p. 39) na concepção do jovem Nietzsche:

Schopenhauer era um desses guias, dos quais emanava aquele feito que ele esperava de um verdadeiro filósofo, isto é, que lhe *pudessem obedecer porque confiaria mais nele do que em si próprio*. Essa confiança não precisa significar concordância com as doutrinas nos detalhes. A credibilidade pessoal lhe é mais importante do que o conteúdo objetivo da doutrina.

Ou seja, o mais importante aprendizado não está presente, necessariamente, na doutrina do filósofo educador, mas no próprio exemplo de vida, permitindo que o jovem educando possa projetar os seus ideais culturais espelhando-se em seu mentor como um modelo, não para ser copiado ou imitado para ser reproduzido, mas para absolver o que de melhor ele tem de mais puro e autêntico em seu espírito. Para o filósofo, o educador é a inspiração, a mão que conduz o discípulo até que este possa trilhar o seu caminho sozinho, pois o mestre é tão somente um norte, por assim dizer, ele apenas aponta o verdadeiro caminho da cultura, “o universo das formas”, mas cabe ao indivíduo perseguir solitariamente. Sobre a importância do educador, Nietzsche (2011, p. 165-166), afirma na Consideração intempestiva, *Schopenhauer como Educador*:

Teus verdadeiros educadores, aqueles que te formarão, te revelarão o que são verdadeiramente o sentido original e a substância fundamental da tua essência, algo que resiste absolutamente a qualquer educação e a qualquer formação, qualquer coisa em todo caso de difícil acesso, como um feixe compacto e rígido: teus educadores não podem ser outra coisa senão teus libertadores [...] extirpação de todas as ervas daninhas, dos dejetos, dos vermes que querem atacar as tenras sementes das plantas, ela [educação] é efusão de luz e calor, o murmúrio amistoso da chuva noturna; ela é imitação e adoração da natureza no que esta tem de maternal e misericordioso, ela consome a natureza quando, conjurando os acessos impiedosos e cruéis, os faz levar a bom termo, quando lança o véu sobre suas intenções de madrasta e as manifestações de sua triste cegueira.

Para Nietzsche, o educador deve promover no educando a libertação de suas forças latentes, ou seja, aquele que possibilita uma formação que aflore os instintos do indivíduo, que eleve sua natureza mais íntima ao mais alto grau de crescimento. Todavia, segundo Nietzsche (2011, p. 214), “somente aquele que prendeu seu coração a algum grande homem recebe desse a *primeira consagração da cultura* [...]”. O processo de formação seria o diálogo com os espíritos superiores do passado através do estudo dos clássicos. É importante destacar que no pensamento nietzschiano o retorno aos antigos ocorre, inicialmente, pela sua primeira obra *O nascimento da tragédia no espírito da música* (1872). De modo geral, nesta obra Nietzsche expõe a bela visão sobre a vida e sua valorização cultuada pelos gregos antigos que, através da arte trágica, transfiguravam o caos em “belas imagens” ou “miragens artísticas” com as quais fosse possível conviver.

Nietzsche expõe uma proposta assentada na exemplaridade e virtudes elevadas demonstradas pelos mestres do passado, que, com sua nobreza de espírito e genialidade, poderiam proporcionar a elevação cultural de toda a sociedade. Em suma, o educando descobrirá suas potencialidades em contato com seu mestre. Um homem capaz de despertar nas suas sementes a potência mais forte, por meio do incentivo e do direcionamento ao

terreno mais fértil, fazendo uso do adubo mais ativo, mas que ao mesmo tempo as protege daquilo que pode ser nocivo ao seu crescimento, tal como faz um jardineiro cuidando de suas plantas.

Assim “o mestre deve ser ao mesmo tempo ‘asas’ e ‘freio’ para seus discípulos, quer dizer, ele deve dar as condições para que eles se elevem, mas deve conter os seus ímpetos e arroubos da imaturidade”. (SOBRINHO, 2011, p. 39). Ou seja, o mestre deve oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento de seu discípulo, ao tempo em que também o ensina a harmonizar seus impulsos próprios da imaturidade. Para Nietzsche, pois, a pseudocultura transmitida pelos eruditos apresentava-se como uma tendência antinatural que colocava o indivíduo como um receptor alienado da verdadeira cultura. Para o autor, os parâmetros educacionais deveriam ser formulados a partir de um olhar sobre a cultura clássica, tendo como base a filosofia e a arte presente na cultura arcaica grega. No entanto, adverte Nietzsche (2011, p. 101):

[...] enquanto a necessidade mais nobre do verdadeiro gênio alemão não procurar a mão deste gênio grego como um apoio firme no fluxo da barbárie, enquanto este espírito alemão não expressar aquela nostalgia angustiante pelos Gregos, enquanto a perspectiva da pátria grega, penosamente atingida, fonte de deleite para Goethe e para Schiller, não se tiver tornado o lugar de peregrinação dos homens melhores e mais dotados, neste caso, o ginásio proporá para si na cultura clássica um objetivo incoerente, que flutua ao sabor dos ventos [...].

A educação moderna regida pela esfera do Estado substituiu os mestres criadores pela abstração inumana da ciência. Todavia, o processo pedagógico desenvolvido desde o ginásio até as universidades não deveria ser assentado em estruturas burocráticas estatais, mas sobre a experiência dos homens superiores detentores de uma cultura elevada. Na visão de Nietzsche, a educação consiste em fazer compreender por meio da experiência pessoal dos estudantes, que devem ser instruídos pela exemplaridade e incentivos oferecidos pelos mestres educadores e pela influência dos clássicos do passado. Nos clássicos, é possível encontrar a experiência primordial que outrora conduziu a cultura antiga ao seu mais elevado grau. Dessa forma, “uma cultura autêntica pressupõe a fusão de vida e da cultura, a partir da necessidade vital de um povo e do desenvolvimento, na ‘justa proporção’, de todos os seus instintos e dons”. (DIAS, 2003, p. 87).

A educação embasada pela cultura autêntica deve privilegiar o grande legado artístico e filosófico deixado pelos grandes pensadores e poetas antigos, em detrimento da pedagogia utilitária disseminada por uma cultura que visa imprimir o conformismo, atendendo as necessidades econômicas e políticas do Estado. Nietzsche defende que a cultura, promovendo

a nobreza do espírito no indivíduo, deve suscitar neste um profundo desejo de transformação, no qual a educação funcionaria como elemento motivador de mudanças nas mais diferentes instâncias sociais, culturais e políticas no Estado. O ideal educacional nietzschiano é algo extemporâneo, muito a frente de seu tempo, forma sujeitos donos de si, o discípulo busca no mestre os recursos necessários para superar tudo àquilo que se coloca como nocivo à sua formação. O educador nietzschiano oferece as condições necessárias para que o seu pupilo possa se libertar dos grilhões impostos pela entidade estatal ou por qualquer outra organização que os induza à submissão e à domesticação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com um olhar crítico de educador, de alguém que está vivenciando aquele contexto de drásticas mudanças no cenário político, econômico, social e, sobretudo cultural, Nietzsche analisou e identificou os principais problemas presentes na reforma educacional e na modernização dos estabelecimentos de ensino de sua época, que passaram a visar à preparação dos jovens para atuar no Estado alemão recém-industrializado. Ou seja, a expansão da rede escolar estava intimamente ligada aos objetivos políticos de unificação territorial e econômicos do Estado moderno, que necessitava urgentemente de mão-de-obra qualificada para ocupar os postos funcionais que surgiam com a intensificação do capitalismo decorrente da revolução industrial. Por sua vez, para se tornar uma verdadeira potência mundial perante outras nações europeias, o Estado alemão estava atento a outro aspecto, a saber, precisava formar um poderoso exército capaz de proteger as suas fronteiras e demonstrar poder aos rivais.

Com isso, Nietzsche começa a perceber que o propósito da formação oferecida pelas instituições estava sendo aos poucos modificado. Além disso, com a educação sob a tutela do Estado nacionalista, as escolas estavam voltando-se para a propagação dos ambiciosos ideais patrióticos de expansão, ao mesmo tempo em que usavam a cultura como ferramenta para massificar e modelar a população conforme as necessidades do Estado fossem estas econômicas ou militares. A cultura deixava de ser humanizadora e se transformava em algo utilitário. Em suas conferências, Nietzsche atacou veementemente o sistema educacional alemão, que se distanciava cada vez mais da autêntica cultura cuja fonte primordial seria a antiguidade clássica.

Como fora apresentado no decorrer do trabalho, na perspectiva do filósofo o extremo analfabetismo cultural da época se apresentava sob a égide de duas correntes. A primeira ampliava a cultura ao máximo de pessoas possível por meio do aumento numérico dos estabelecimentos de ensino, enquanto a segunda consistia na redução daquela mesma cultura e o seu provável enfraquecimento. Por trás do alto investimento em educação, estava o interesse em capacitar servidores em larga escala, com um saber técnico especializado, prontos não apenas para o trabalho e a obtenção de lucros, mas também para o consumo e, como consequência, movimentar a economia com uma maior circulação do dinheiro no estado. Segundo Nietzsche, o saber havia se tornado algo superficial e a finalidade dos educadores, vistos como eruditos especialistas, reduzia-se tão somente a reproduzir apenas o que o Estado precisava que todos soubessem para executar cada um a sua função. Adotou-se, como

metodologia, uma reprodução jornalística das informações que passou a ser usada na transmissão mecânica do conhecimento.

A formação humana por meio da educação que, segundo Nietzsche, deveria ser o processo de despertar das potencialidades e desenvolvimento das aptidões dos indivíduos para a vida, era então transformada em uma barbárie cultivada, isto é, o cultivo de uma inteligência comum que uniformizava a todos desconsiderando as individualidades. Não apenas o ginásio, que deixou de valorizar a língua materna e as raízes helênicas, mas também a universidade cuja filosofia e a arte que eram então ensinadas não passavam de uma leitura estéril dos clássicos, sem qualquer ligação com a vida, disseminando conformismo e enfraquecendo a cultura cada vez mais. Esse modelo educacional, na visão nietzschiana, era algo antinatural e colocava o indivíduo apenas como um receptor alienado da verdadeira cultura.

Para o filósofo, o educador deve ensinar não apenas com o conhecimento teórico, mas com a exemplaridade de sua vida, pois o seu modo de vida, as suas virtudes e a sua nobreza de espírito são fundamentais para o aprendizado da cultura autêntica. O verdadeiro saber não exige uma mecânica reprodução para ser compreendido e apreendido, mas a reflexão e a aplicação na vida para tornar a fatídica realidade algo mais prazeroso e regozijante ou ao menos mais suportável. Em sua obra *O nascimento da tragédia*, embora esta não tenha um caráter necessariamente pedagógico, Nietzsche ressalta a importância de aprendermos com a cultura dos antigos cujo conhecimento direcionava-se sempre à valorização dos instintos e, sobretudo, da vida através das miragens artísticas que transfiguravam o lado sombrio do mundo no palco da arte trágica. A educação para a cultura deve privilegiar o legado artístico e filosófico dos pensadores antigos e fazer uso desse conhecimento para superar tudo aquilo que for nocivo ao crescimento dos educandos, bem como ao despertar da energia latente de suas individualidades.

Em linhas gerais, o que podemos compreender acerca da educação nos escritos nietzschianos é que o verdadeiro educador não é nenhum “herói salvador da humanidade” ou mesmo o “prisioneiro filósofo” de Platão, que deseja conduzir os indivíduos à luz da verdade para fora da caverna, como tantos pensadores não apenas antigos como também modernos e contemporâneos buscam rotular. Para Nietzsche, o professor é um impulsionador, é aquele que apresenta a realidade nua e crua das coisas, por mais terrível que aquela seja, mas sempre procurando despertar o potencial latente de seus educandos. É como um jardineiro que oferece as condições necessárias, como o terreno mais fértil e o melhor adubo para que as suas plantas busquem por si mesmas a superação de todos os limites que se impõem no seu caminho.

Ele nos ensina que, assim como o lótus precisa da lama para se tornar uma planta forte e gerar uma belíssima flor, o homem precisa do sofrimento e deve saber usá-lo para aprender a viver e a favorecer o seu próprio crescimento. Portanto, o ideal de professor identificado no pensamento de Nietzsche é o de um mestre que prepara os seus discípulos para aceitar a vida como ela é: uma existência marcada pelas perdas, pelos sofrimentos e pelas decepções. No entanto, essa aceitação não significa passividade diante das coisas, porque é possível elevar-se diante dos obstáculos e crescer como o faz uma flor em meio aos rochedos no cume de uma montanha. O professor Nietzsche nos deixou um legado filosófico de ensinamentos tal como o faz um mestre que deseja indicar o caminho para os seus discípulos, mas sem esconder destes a necessidade da resiliência diante do que poderá encontrar pela frente.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Ansgar. **Awaiting Education: Friedrich Nietzsche on the Future of Our Educational Institutions**. Philosophical Inquiry in Education, Volume 24 (2017), No. 2, pp. 197-210.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3ª Ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ASTOR, Dorian. **Nietzsche**. Tradução Gustavo de Azambuja Feix. 1ª Ed. Porto Alegre: L&PM, 2013.

DANELON, Márcio. **Nietzsche Educador: uma leitura de Schopenhauer como Educador**. Perspectiva, Florianópolis. V.19, n.2, p.405-424, jul-dez/2001.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Tradução de Edmundo Fernando Dias e Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro, 1976.

DIAS, Rosa Maria. **Nietzsche educador**. São Paulo: Scipione, 2003.

EBY, Frederick. **História da educação moderna: séc. XX, teoria, organização e práticas educacionais**. 2ª Ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

FRANCO, Cambi. **História da pedagogia**. Tradução Álvaro Lorencini: São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1999.

LARROSA, Jorge. **Nietzsche & a Educação**. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. Tradução de Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2005.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Graal, 1999.

MELO SOBRINHO, N. C. de. **A pedagogia de Nietzsche**. In: NIETZSCHE, F. **Escritos sobre Educação**. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo/Rio de Janeiro: Loyola/Editora PUC-RIO, 2011, p.7-40.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos: Como filosofar com o martelo**. Trad. Jacqueline Valpassos. São Paulo: Golden Books/DPL, 2009.

_____. **Ecce Homo: Como alguém se torna o que se é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. **Escritos sobre educação**. Tradução e apresentação de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **O Anticristo – Ditirambos de Dionísio**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva: Da utilidade e desvantagem da História para a vida.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

PORTER, James I. **Nietzsche and Tragedy.** Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/208252890/James-Porter-Nietzsche-and-the-pdf>> Acesso em: 15/10/2019.

REALE, Giovanni & ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: do Romantismo até nossos dias.** 6. Ed. São Paulo: Paulus, 1991.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma Tragédia.** Tradução Lya Lett Luft. São Paulo: Geração editorial, 2005.

SILK, M. S. and J. P. Stern. **Nietzsche on Tragedy.** Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1981.

VATTIMO, Gianni. **Diálogos com Nietzsche.** Tradução de: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.